

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

JUNHO DE 1869

Nº 6

## Aos Assinantes da *Revista*

Até hoje a *Revista Espírita* foi essencialmente obra e criação do Sr. Allan Kardec, como aliás todas as obras doutrinárias que ele publicou.

Quando a morte o surpreendeu, a multiplicidade de suas ocupações e a nova fase em que entrava o Espiritismo o faziam desejar a companhia de alguns colaboradores convictos, a fim de que, sob sua direção, executassem trabalhos aos quais já não podia bastar-se sozinho.

Procuraremos não nos afastar da via que ele nos traçou; mas, pareceu-nos de nosso dever consagrar aos trabalhos do mestre, sob o título de *Obras Póstumas*, algumas páginas que ele guardou para si, se tivesse permanecido corporalmente entre nós. A abundância de documentos acumulados em seu gabinete de trabalho nos permitirá, durante muitos anos, publicar em cada número, além das instruções que ele houver por bem nos dar como

Espírito, um desses interessantes artigos, que sabia tão bem tornar compreensíveis a todos.

Estamos persuadidos de satisfazer assim aos desejos de todos aqueles que a filosofia espírita reuniu em nossas fileiras, e que souberam apreciar no autor de *O Livro dos Espíritos*, o homem de bem, o trabalhador infatigável e devotado, o espírita convicto, aplicando-se na vida privada a pôr em prática os princípios que ensinava em suas obras.

## O Caminho da Vida<sup>19</sup>

(OBRAS PÓSTUMAS)

A questão da pluralidade das existências há desde longo tempo preocupado os filósofos e mais de um reconheceu na anterioridade da alma a única solução possível para os mais importantes problemas da psicologia. Sem esse princípio, eles se encontraram detidos a cada passo, encurralados num beco sem saída, donde somente puderam escapar com o auxílio da pluralidade das existências.

A maior objeção que podem fazer a essa teoria é a da ausência de lembranças das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras; deixar um corpo para tomar outro sem a memória do passado equivaleria ao nada, visto que seria o nada quanto ao pensamento; seria uma multiplicidade de novos pontos de partida, sem ligação entre si; seria a ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente, a mais doce e consoladora esperança do futuro; seria, afinal, a negação de toda a responsabilidade moral. Semelhante doutrina seria tão inadmissível e tão incompatível com a justiça divina, quanto a de uma única existência com a perspectiva

19 N. do T.: *Obras Póstumas*, 1ª parte.

de uma eternidade de penas por algumas faltas temporárias. Compreende-se então que os que formam semelhante idéia da reencarnação a repilam; mas, não é assim que o Espiritismo no-la apresenta.

A existência espiritual da alma, diz ele, é a sua existência normal, com indefinida lembrança retrospectiva. As existências corpóreas são apenas intervalos, curtas estações na existência espiritual, sendo a soma de todas as estações apenas uma parcela mínima de existência normal, absolutamente como se, numa viagem de muitos anos, de tempos a tempos o viajor parasse durante algumas horas. Embora pareça que, durante as existências corporais, há solução de continuidade, por ausência de lembrança, a ligação efetivamente se estabelece no curso da vida espiritual, que não sofre interrupção. A solução de continuidade, realmente, só existe para a vida corpórea e de relação, e a ausência, aí, da lembrança prova a sabedoria da Providência que assim evitou fosse o homem por demais desviado da vida real, onde ele tem deveres a cumprir; mas, quando o corpo se acha em repouso, durante o sono, a alma levanta o vôo parcialmente e restabelece-se então a cadeia interrompida apenas durante a vigília.

A isto ainda se pode opor uma objeção, perguntando que proveito pode o homem tirar de suas existências anteriores, para melhorar-se, dado que ele não se lembra das faltas que haja cometido. O Espiritismo responde, primeiro, que a lembrança de existências desgraçadas, juntando-se às misérias da vida presente, ainda mais penosa tornaria esta última. Desse modo, poupou Deus às suas criaturas um acréscimo de sofrimentos. Se assim não fosse, qual não seria a nossa humilhação, ao pensarmos no que já fôramos! Para o nosso melhoramento, aquela recordação seria inútil. Durante cada existência, sempre damos alguns passos para a frente, adquirimos algumas qualidades e nos despojamos de algumas imperfeições. Cada uma de tais existências é, portanto, um novo ponto de partida, em que somos qual nos houvermos feito, em que nos tomamos pelo que somos, sem nos preocuparmos com

o que tenhamos sido. Se, numa existência anterior, fomos antropófagos, que importa isso, desde que já não o somos? Se tivemos um defeito qualquer, de que já não conservamos vestígio, aí está uma conta saldada, de que não mais nos cumpre cogitar. Suponhamos que, ao contrário, se trate de um defeito apenas meio corrigido: o restante ficará para a vida seguinte e a corrigi-lo é do que nesta devemos cuidar.

Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão e foi punido, quer na vida corpórea, quer na vida espiritual; ele se arrepende e corrige do primeiro pendor, porém, não do segundo. Na existência seguinte, será apenas ladrão, talvez um grande ladrão, porém, não mais assassino. Mais um passo para diante e já não será mais que um ladrão obscuro; pouco mais tarde já não roubará, mas poderá ter a veleidade de roubar, que a sua consciência neutralizará. Depois, um derradeiro esforço e, havendo desaparecido todo vestígio da enfermidade moral, será um modelo de probidade. Que lhe importa então o que ele foi? A lembrança de ter acabado no cadafalso não seria uma tortura e uma humilhação constantes?

Aplicai este raciocínio a todos os vícios, a todos os desvios, e podereis ver como a alma se melhora, passando e tornando a passar pelos cadinhos da encarnação. Não terá sido Deus mais justo com o tornar o homem árbitro da sua própria sorte, pelos esforços que empregue por se melhorar, do que se fizesse que sua alma nascesse ao mesmo tempo que seu corpo e o condenasse a tormentos perpétuos por erros passageiros, sem lhe conceder meios de purificar-se de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, nas suas mãos está o seu futuro. Se ele gasta longo tempo a se melhorar, sofre as conseqüências dessa maneira de proceder: é a suprema justiça; a esperança, porém, jamais lhe é interdita.

A seguinte comparação pode ajudar a tornar compreensíveis as peripécias da vida da alma:

Suponhamos uma estrada longa, em cuja extensão se encontram, de distância em distância, mas com intervalos desiguais, florestas que se tem de atravessar e, à entrada de cada uma, a estrada, larga e magnífica, se interrompe, para só continuar à saída. O viajor segue por essa estrada e penetra na primeira floresta. Aí, porém, não dá com caminho aberto; depara-se-lhe, ao contrário, um dédalo inextricável em que ele se perde. A claridade do Sol há desaparecido sob a espessa ramagem das árvores. Ele vagueia, sem saber para onde se dirige. Afinal, depois de inauditas fadigas, chega aos confins da floresta, mas extenuado, dilacerado pelos espinhos, machucado pelos pedrouços. Lá, descobre de novo a estrada e prossegue a sua jornada, procurando curar-se das feridas.

Mais adiante, segunda floresta se lhe depara, onde o esperam as mesmas dificuldades. Mas, ele já possui um pouco de experiência e dela sai menos contundido. Noutra, topa com um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir para se não transviar. A cada nova travessia, aumenta a sua habilidade, de maneira que transpõe cada vez mais facilmente os obstáculos. Certo de que à saída encontrará de novo a boa estrada, firma-se nessa certeza; depois, já sabe orientar-se para achá-la com mais facilidade. A estrada finaliza no cume de uma montanha altíssima, donde ele descortina todo o caminho que percorreu desde o ponto de partida. Vê também as diferentes florestas que atravessou e se lembra das vicissitudes por que passou, mas essa lembrança não lhe é penosa, porque chegou ao termo da caminhada. É qual velho soldado que, na calma do lar doméstico, recorda as batalhas a que assistiu. Aquelas florestas que pontilhavam a estrada lhe são como que pontos negros sobre uma fita branca e ele diz a si mesmo: “Quando eu estava naquelas florestas, nas primeiras, sobretudo, como me pareciam longas de atravessar! Figurava-se-me que nunca chegaria ao fim; tudo ao meu redor me parecia gigantesco e intransponível. E quando penso que, sem aquele bondoso lenhador que me pôs no bom caminho, talvez eu ainda lá estivesse! Agora, que contemplo essas mesmas florestas do ponto onde me acho,

como se me apresentam pequeninas! Afigura-se-me que de um passo teria podido transpô-las; ainda mais, a minha vista as penetra e lhes distingo os menores detalhes; percebo até os passos em falso que dei.”

Diz-lhe então um ancião: – “Meu filho, eis-te chegado ao termo da viagem; mas, um repouso indefinido causar-te-á tédio mortal e tu te porias a ter saudades das vicissitudes que experimentaste e que te davam atividade aos membros e ao espírito. Vês daqui grande número de viajantes na estrada que percorreste e que, como tu, correm o risco de transviar-se; tens experiência, nada mais temas: vai-lhes ao encontro e procura com teus conselhos guiá-los, a fim de que cheguem mais depressa.”

– Irei com alegria, replica o nosso homem; entretanto, pergunto: por que não há uma estrada direta desde o ponto de partida até aqui? Isso forraria aos viajantes o terem de atravessar aquelas abomináveis florestas.

– Meu filho, retruca o ancião, atenta bem e verás que muitos evitam a travessia de algumas delas: são os que, tendo adquirido mais de pronto a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegarem aqui. Essa experiência, porém, é fruto do trabalho que as primeiras travessias lhes impuseram, de sorte que eles aqui aportam em virtude do mérito próprio. Que é o que saberias, se por lá não houvesse passado? A atividade que houveste de desenvolver, os recursos de imaginação que precisaste empregar para abrir caminho aumentaram os teus conhecimentos e desenvolveram a tua inteligência. Sem que tal se desse, serias tão noviço quanto o eras à partida. Ademais, procurando safar-te dos tropeços, contribuístes para o melhoramento das florestas que atravessaste. O que fizeste foi pouca coisa, imperceptível mesmo; pensa, contudo, nos milhares de viajores que fazem outro tanto e que, trabalhando para si mesmos, trabalham, sem o perceberem, para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de suas penas no repouso de que

gozam aqui? Que direito lhes caberia a esse repouso, se nada houvessem feito?

– Meu pai, responde o viajor, numa das florestas, encontrei um homem que disse: “Na orla há um imenso abismo a ser transposto de um salto; mas, de mil, apenas um só o consegue; todos os outros lhe caem no fundo, numa fornalha ardente e ficam perdidos sem remissão. Esse abismo eu não o vi.”

– Meu filho, é que ele não existe, pois, do contrário, seria uma cilada abominável, armada a todos os que para lá se dirigem. Bem sei que lhes cabe vencer dificuldades, mas igualmente sei que cedo ou tarde as vencerão. Se eu houvera criado impossibilidades para um só que fosse, sabendo que esse sucumbiria, teria praticado uma crueldade, que avultaria imenso, se atingisse a maioria dos viajores. Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais receber. Olha para a estrada e observa os intervalos das florestas. Entre os viajantes, alguns vês que caminham com passo lento e semblante jovial; vê aqueles amigos, que se tinham perdido de vista nos labirintos da floresta, como se sentem ditosos, por se haverem de novo encontrado ao deixarem-na. Mas, a par deles, outros há que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a compaixão dos que passam, pois que sofrem atrozmente das feridas de que, por culpa própria, se cobriram, atravessando os espinheiros. Curar-se-ão, no entanto, e isso lhes constituirá uma lição da qual tirarão proveito na floresta seguinte, donde sairão menos machucados. O abismo simboliza os males que eles experimentam e, dizendo que de mil apenas um o transpõe, aquele homem teve razão, porquanto enorme é o número dos imprudentes; errou, porém, quando disse que aquele que ali cair não mais sairá. Para chegar a mim, o que tombou encontra sempre uma saída. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída aos que estão no fundo do abismo; vai amparar os feridos que se arrastam pela estrada e mostrar o caminho aos que se embrenharam pelas florestas.

A estrada é a imagem da vida espiritual da alma e em cujo percurso esta é mais ou menos feliz. As florestas são as existências corpóreas, em que ela trabalha pelo seu adiantamento, ao mesmo tempo que na obra geral. O caminhaeiro que chega ao fim e que volta para ajudar os que vêm atrasados figura os anjos guardiães, os missionários de Deus, que se sentem venturosos em vê-lo, como, também, no desdobrarem suas atividades para fazer o bem e obedecer ao supremo Senhor.

*Allan Kardec*

## **Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão**

**ALUCINADOS, INSPIRADOS, FLUÍDICOS E SONÂMBULOS**

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de fevereiro de 1868)

Por certo os nossos leitores se lembram de haver lido, no número da *Revista* de fevereiro de 1868, a primeira parte deste estudo, interessante sob mais de um ponto de vista. Hoje publicamos a sua continuação, deixando ao Espírito que o inspirou toda a responsabilidade de suas opiniões e reservando-nos para analisá-las um pouco mais tarde.

Entregamos estes documentos ao exame de todos os espíritas sérios e ficaremos reconhecidos aos que houverem por bem nos transmitir a sua apreciação, ou as instruções de que poderão ser objeto, da parte dos Espíritos. A *Revista Espírita* é, antes de tudo, um jornal de estudo e, nessa condição, apressa-se em acolher todos os elementos capazes de esclarecer a marcha de nossos trabalhos, deixando ao controle universal, apoiado pelos conhecimentos adquiridos, o cuidado de julgar em última instância.



## III

## OS FLUÍDICOS

Chama-se *Fluido* a esse nada e a esse tudo não analisável, por meio do qual o mundo espiritual se põe em comunicação com o mundo material, e que mantém o nosso físico em harmonia, quer consigo mesmo, quer com o que está fora dele.

Embora nos envolva e nos cerque, e vivamos nele e por ele, é na alma que se une e se condensa. É não só esta porção de nossa alma que nos põe em ação, nos dirige e nos guia, mas, ainda, por assim dizer, a alma geral que plana sobre todos nós; é o laço misterioso e indispensável que estabelece a unidade em nós mesmos e fora de nós; e se vier a partir-se momentaneamente, é então que se manifesta essa modificação imensa a que chamamos morte.

O fluido é, pois, a própria vida: é o movimento, a energia, a coragem, o progresso; é o bem e o mal. É esta força que, por sua vez, parece animar, pelo sopro de sua vontade, quer a charrua benfeitora que fertiliza a terra e faz de nós os alimentadores do gênero humano, quer o fuzil maldito que a despovoa e nos transforma em assassinos de nossos irmãos.

O fluido facilita, entre o Espírito do inspirador e o inspirado, relações que, sem ele, seriam impossíveis.

Os alucinados são nervosos, mas não fluídicos, no sentido de que deles nada se desprende. É esta falta de desprendimento, este excesso ou esta falta de fluido, esta ruptura violenta do seu equilíbrio que os exalta até a loucura, ou, pelo menos, até a divagação momentânea, e faz desfilar à sua frente fantasmas imaginários, ou que se ligam mais ou menos ao pensamento dominante, que, excitando as fibras cerebrais, faz entrar em revolta a quintessência do fluido circulante, muito cheio

dessa noção impressionável que incessantemente tende a se desprender.

Se morrer um louco ou um alucinado, e se fizermos a autópsia do seu cadáver, tudo parecerá sã na sua natureza física; nada será descoberto de particular em seu cérebro. Entretanto, será possível observar mais comumente uma ligeira lesão do coração, pois a parte moral atingida exerce poderosa influencia material sobre este órgão.

Pois bem! essas desordens que o escalpelo não descobre, que o dedo não toca, que o olho não vê, existem no fluido, que a Ciência, sempre muito materialista, nega para não ter que o estudar.

Para ser uma força, o vapor não necessitava que Salomon de Caus ou Papin adivinhassem o seu emprego, assim como, para existir, a eletricidade não tinha esperado que Galvani viesse conceder-lhe foros de cidadania no meio dos sábios oficiais. O fluido não se mostra mais cerimonioso para com as suas douradas sentenças. A eletricidade e o vapor, que são apenas de ontem, já revolucionaram o mundo material. Afirmando a realidade do fluido, o Espiritismo modificará ainda muito mais profundamente o mundo intelectual e moral.

Não só o fluido existe, mas é duplo; apresenta-se sob dois aspectos diversos, ou, pelo menos, suas manifestações são de duas ordens muito diferentes.

Há o fluido latente, que cada um possui e que, mau grado nosso, põe em movimento toda a máquina. Ele está em nós, sem que disso tenhamos consciência, porque não o sentimos, e as naturezas linfáticas vivem sem suspeitar que ele existe.

Depois, há os fluidos circulantes que estão em perpétua ação e em constante ebulição nas organizações nervosas e

impressionáveis. Quando não servem senão para nos pôr em intensa atividade, deixamo-los agir ao acaso, e eles só excitam a nossa preocupação quando, por falta de equilíbrio ou por uma causa qualquer, sua ação se traduz por ataques de nervos ou outras desordens aparentes, cuja causa devemos procurar.

Acontece muito freqüentemente que, quando a crise nervosa é acalmada, e depois do abatimento que se segue, um fluido se desprende de certos sensitivos e lhes permite exercer uma ação curativa sobre outros seres mais fracos e atingidos por um mal contrário ao seu. Basta um simples toque na parte sofredora para os aliviar. É uma espécie de magnetismo circulante, momentâneo, inconsciente, porque a ação fluídica se produz imediatamente ou não se produz absolutamente.

Quando os inspirados são fluídicos de nascimento, gozam no mais alto grau desta faculdade curativa. Mas é uma rara exceção.

Ordinariamente o estado fluídico se desenvolve durante a puberdade, nesse momento transitório em que ainda não se é forte, mas que se o será para suportar a luta da vida.

Viram-se certos seres tornar-se fluídicos durante alguns anos, mesmo alguns meses, e deixar de o ser quando retomaram sua situação normal e regular.

Por vezes mesmo, e notadamente nas mulheres, esse estado se manifesta na hora crítica em que a fraqueza começa a se fazer sentir.

Algumas vezes acontece que crianças são dotadas desse estado em idade ainda bem tenra. Um secreto instinto nos atrai para elas. Dir-se-ia que uma auréola de pureza se irradia em torno dessas cabeças louras de querubins. Ainda tão próximas de Deus,

estão sãs de corpo, de coração e de alma; irradiam saúde e sua vista, sua presença, seu contato serenam inteiramente o nosso corpo.

Senti-vos bem em beijá-las e sois felizes embalando-as em vossos braços. Há nelas algo mais que o encanto que se prende às doces carícias da criança, há um eflúvio que acalma as vossas agitações, vos rejuvenesce e vos restabelece a harmonia momentaneamente comprometida. Senti-vos atraído para esta e não para aquela. Não sabeis o porquê: é que a primeira vos proporciona um bem-estar que não sentiríeis junto de qualquer outra.

Qual de nós não procurou, muitas vezes durante muito tempo e sem o encontrar, ai! o ser que nos deve aliviar! Entretanto ele existe, assim como o remédio que nos deve curar.

Procuremos sem desanimar e o descobriremos. Batamos e abrir-nos-ão. Por mais doentes que estejamos, há, no entanto, em algum lugar, uma alma que responderá à nossa alma. Fracos, ela soerguerá a nossa força; fortes, abrandará as nossas asperezas. Com ela nos completaremos, e ambos esperamos por ela para fazer o bem.

As naturezas fortemente constituídas exercem uma ação magnética sobre os caracteres mais fracos. Para magnetizar proveitosamente é necessário um grande esforço de vontade concentrada, conseqüentemente um desprendimento de nós mesmos; e esse desprendimento não pode ter uma ação curativa enquanto não juntar uma força poderosa à fraqueza que combatemos, e que faz sofrer aquele que magnetizamos.

Só raramente os magnetizadores podem ser magnetizados por outros. Parece que esse esforço da vontade que eles têm de realizar cava uma espécie de reservatório, no qual se acumula o fluido, em estado latente, que derrama seu excesso sobre os demais; mas não sobra mais lugar para receber algo dos outros.

A intuição é a radiação do fluido que, desprendendo-se daquele sobre o qual queremos agir, vem despertar o nosso e o faz derramar-se sobre o ser que queremos aliviar. Desse choque de dois agentes contrários sai uma centelha; ela esclarece o nosso Espírito e nos mostra o que convém fazer para atingir o objetivo. É a caridade posta em ação. Agindo esse fluido, sempre pronto a despertar ao primeiro apelo do sofrimento, é encontrado sobretudo nas almas sensíveis e ternas, mais preocupadas com o bem alheio do que com o seu próprio bem.

Existem certos médicos nos quais esse desprendimento fluídico se opera mesmo sem que eles o percebam, e que receberam de Deus o dom de curar com mais segurança os que sofrem.

Enfim, há naturezas realmente fluídicas, cujo excesso exige um desprendimento contínuo, sob pena de reagirem contra elas próprias. A ação que exercem sobre os que lhes são simpáticos é sempre salutar, mas pode tornar-se funesta para os que lhes são antipáticos.

É entre estas que se encontram os sensitivos que, na obscuridade, percebem clarões ódicos que se desprendem de certos corpos, enquanto outros nada vêem.

Os fluídicos e os sensitivos são os mais sujeitos aos sentimentos instintivos de simpatia ou de antipatia, em presença daqueles cujo contato ou simples vista lhes faz experimentar o bem ou o mal.

Certas crianças exercem uma pressão física ou moral sobre seus irmãos ou seus camaradas. É o fluido em desprendimento que envolve estes últimos e os domina.

Cada um de nós exerce sobre outrem um poder atrativo ou repulsivo, mas em graus diversos, porque a Natureza é múltipla e infinita em suas combinações.

Quem não sentiu o efeito de um simples aperto de mão, que restabelece o equilíbrio do ser ou nele destrói esse equilíbrio? que nos une à pessoa que nos cumprimenta ou dela nos afasta? que nós dá uma sensação de bem-estar ou de sofrimento?

Quem não sentiu o frio ou o calor de um beijo?

Quem não sentiu esse frêmito interior que abala todo o nosso ser, no momento em que somos postos em contato com outro, e que nos leva a dizer: É um amigo!... ou, então: É um inimigo?

As pessoas cujas mãos são frias e úmidas são de compleição fraca; de sensibilidade pouco desenvolvida, não dão fluido e necessitam que se lhes prodigalize.

Habitualmente os inspirados gozam do privilégio de poder socorrer, por um fluido que deles se desprende, aqueles que necessitam. Mas, raramente desfrutam de boa saúde e neles o equilíbrio e a harmonia reinam raramente.

Têm muito fluido ou não o têm suficiente, e quase só no momento da inspiração se acham em completa harmonia. Mas, então, não sentem os benefícios, porque outra individualidade está unida à sua e os abandona momentaneamente, depois que deram o que tinham como reserva.

Os curadores do campo, os feiticeiros, os que fazem desaparecer as entorses, geralmente são fluídicos. Seu poder é real; eles o exercem sem saber como. Mas seria engano crer que possam agir igualmente sobre todo o mundo. É preciso que o fluido que deles se desprende esteja em harmonia com o da pessoa que o deve absorver, senão se produz um efeito contrário. Daí vem o mal muito real que por vezes se sente após uma visita a um desses pretensos feiticeiros.

Não há remédios nem fluidos cuja ação seja universal. Toda ação é modificada pela natureza daquele que a recebe. É preciso que a centelha fira com precisão, sem o que haverá choque e agravação do mal que se pretende aliviar.

O magnetismo sofre a mesma lei e não pode ser mais eficaz em todos os casos.

Os sensitivos e os fluídicos são as naturezas mais generosas, as que melhor sentem todas essas mil ninharias que compõem o ser humano em sua parte moral, física e intelectual. Mas são também os mais infelizes, porque se dão mais aos outros do que recebem.

Os maiores fluídicos geralmente têm mais desgosto de sua personalidade. Pensam nos outros e jamais em si mesmos. Isto também se deve, talvez, a uma espécie de intuição secreta; sentem que sem essa liberação de seu excesso, que derramam sobre os outros, não poderiam ter repouso.

Lamentemos os fluídicos e os sensitivos. A vida para eles tem mais dores que alegrias; não passa de um contínuo sofrimento.

Mas, ao mesmo tempo, admiremo-los, porque são bons, generosos e dotados de caridade humanitária. Deles se desprende uma força para aliviar os seus irmãos, e é por serem mais completamente *tudo para todos*, que são tão pouco para si mesmos.

E talvez o seu adiantamento seja mais rápido e maior num outro mundo, porque passaram por este aplicando-se apenas em fazer o bem aos outros.

Por vezes, depois de um grande desprendimento, o fluídico sofre e chega a um extremo grau de fraqueza, até o momento em que entra de novo na posse de sua força. Quando

uma pessoa sofre, ele não calcula e vai até ela. O coração o arrasta vitoriosamente, adivinha quem puder! Não é mais um homem detido por frias conveniências; é uma alma que desperta ao primeiro grito de sofrimento, e que não se lembra mais senão depois que o alívio chegou!

#### IV

#### OS SONÂMBULOS

O sonambulismo, que pode ser dividido em três categorias, não se refere diretamente a nenhuma das três fases que acabamos de descrever.

1º – O sonâmbulo natural muito raramente será um bom magnetizador. Pode não ser acessível à inspiração, nem ao fluido forçado e concentrado num só ponto pela sua vontade. Outras vezes seu estado anuncia uma predisposição favorável à recepção de um impulso.

O sonambulismo natural é o sonho posto em ação. O pensamento segue seu curso durante o sono dos órgãos. Esta é ainda uma prova de que algo vive em nós além da matéria, de que pensamos e vivemos durante o sono a vida ativa do Espírito, embora tenhamos por algum tempo todas as aparências do aniquilamento.

A vida ativa continua, pois, no sonâmbulo; apenas muda de forma, tomando a de um sonho. O espírito agita a matéria, pois os órgãos físicos são postos em ação por uma força energética, cuja lembrança o indivíduo perdeu ao despertar.

Estando o verdadeiro inspirado impregnado de uma força poderosa e desconhecida, tem algo do sonâmbulo natural, no sentido de obedecer a um impulso que lhe é estranho, deixando de o sentir logo que volta ao seu estado natural.



O sonâmbulo age sob a simples inspiração que emana dele; está concentrado num só objeto, razão por que, em todos os atos que então realiza, parece muito superior a si mesmo. Se o despertam, ele se perturba, grita como num pesadelo e essa brusca transição não é isenta de perigo para ele.

Esse estado bizarro não afeta nem fatiga os órgãos. Esses seres passam muito bem, porque, enquanto agem, o ser físico dorme, repousa, e só a imaginação trabalha.

2º – No inspirado, pode-se dizer que há sempre uma grande soma de repouso físico. Marcado por outra individualidade, seu corpo não participa da ação que realiza e seu próprio Espírito, de certo modo dormita, desde que o forçaram a assimilar os pensamentos de outro, dos quais a seguir perde até os mais ligeiros traços, à medida que desperta para a vida ordinária.

Nas naturezas dóceis (e nem todos os sonâmbulos o são), esse trabalho de concentração, de *posse* do ser, é feito sem luta, razão por que esses pensamentos lhes são dados de maneira mais particular, precisamente porque não interrompem o repouso naqueles a quem são trazidos.

Por vezes os sonâmbulos são confundidos com os inspirados, porque há semelhança nos resultados.

Uns e outros prescrevem remédios. Mas só o inspirado é um revelador; é nele próprio que reside o progresso, pois só ele é o eco, o instrumento passivo de um Espírito diferente do seu, e mais adiantado.

O magnetismo desperta no sonâmbulo, superexcita e desenvolve o instinto que a natureza deu a todos os seres para a sua cura, e que a civilização incompleta em que nos debatemos abafou em nós para o substituir pelos falsos lampejos da Ciência.

Os inspirados não precisam absolutamente do socorro do fluido magnético. Vivem pacíficos, em nada pensam. De repente uma palavra, inicialmente obscura e indistinta, é murmurada ao seu ouvido; essa palavra os penetra; toma sentido, cresce, alarga-se, torna-se um pensamento; outras se grupam em redor; depois, chegada à maturidade a elaboração íntima, uma força irresistível os domina e, quer pela palavra, quer pela escrita, é preciso que expulsem a verdade que os obceca.

Eles estão de tal modo impregnados por seu objeto, de tal forma possuídos que, durante essas horas de elaboração ou de diversão, não são mais acessíveis aos sofrimentos do corpo, pois não mais o sentem e já não têm consciência de si, e porque, enfim, neles vive um outro ser em seu lugar.

Pouco a pouco, à medida que o sopro inspirador os abandona, a dor retorna; eles voltam à posse de si mesmos, vivem por sua própria vontade, subordinada às suas percepções pessoais, e da aparição extinta não resta mais senão uma espécie de vazio no cérebro, conforme a expressão consagrada, mas vazio que, na realidade, existe no organismo inteiro.

Muitas vezes o inspirado se acha inconscientemente impregnado, desde muito tempo, pelo Espírito de outrem. Mau grado seu, tem instantes de recolhimento forçado; sabe e é capaz de concentrar melhor as idéias, parecendo viver a vida comum e trocar com os outros os pensamentos ordinários. Mas suas distrações são mais freqüentes, mesmo que seu Espírito ainda não esteja concentrado numa coisa do que noutra. Flutua no vazio; deixa-se embalar por uma espécie de entorpecimento, que é o começo da infusão de comunicações, ainda no primeiro trabalho de transmissão.

Por si mesmo, o magnetismo não dá inspiração: no máximo a provoca e a torna mais fácil. O fluido é como um ímã, que atrai os mortos bem-amados para os que ficaram. Desprende-se abundantemente dos inspirados e vai despertar a atenção dos seres que já partiram e que lhes são similares. Estes, por seu lado, depurados e esclarecidos por uma vida mais completa e melhor, julgam melhor e melhor conhecem os que lhes podem servir de intermediários, numa ordem de fatos que julgam útil revelar-nos.

É assim que esses seres mais adiantados muitas vezes descobrem, naquele que escolheram, disposições que ele mesmo desconhecia. Desenvolvem-no neste sentido, apesar dos obstáculos opostos pelos preconceitos do meio social ou pelas prevenções da família, sabendo que a Natureza preparou o terreno para receber a semente que eles querem espalhar.

Eis um médico que ficou medíocre porque considerações mais fortes que a sua vontade lhe impuseram uma vocação factícia: a inspiração jamais fará dele um revelador em Medicina. Jamais o Espírito virá lhe comunicar as coisas ligadas à profissão que o constrangeram a exercer, mas as relacionadas com as faculdades naturais que, à sua chegada na Terra, lhe foram atribuídas para que as desenvolvesse pelo trabalho, e que ficaram em estado latente. Aí estava a obra que ele devia realizar. O Espírito o pôs no caminho e lhe fez compreender sua verdadeira missão.

O magnetismo, enquanto inspiração, nada pode em favor desta criatura fatalmente desviada. Apenas, como há desacordo entre as tendências que lhe imprimem os seus fluidos e as funções que as circunstâncias o condenaram a exercer, está descontente, infeliz; sofre e, deste ponto de vista, o magnetismo pode, por um momento, vir acalmar os pesares que experimenta em presença de seu futuro despedaçado.

É, pois, erroneamente que em geral se crê, no mundo, que para ser inspirado é preciso ser magnetizado. Ainda uma vez, o magnetismo não dá a inspiração; faz circular o fluido e nos põe em equilíbrio, eis tudo. Ademais, é incontestável que desenvolve o poder de concentração.

Os sonâmbulos mais impressionantes, os que espalham luzes novas ao seu redor, são, ao mesmo tempo, inspirados; contudo, não se deve crer que o sejam igualmente em todas as horas.

3º – Os sonâmbulos geralmente são mais fluídicos do que inspirados. Concebe-se, então, a oportunidade da ação magnética. O toque, quer do magnetizador, quer de uma coisa que lhe pertenceu, pode dar-lhe esse poder de concentração provocada e previamente aumentada pelos passes magnéticos. Junto à predisposição sonambúlica, o magnetismo desenvolve a segunda vista e produz resultados extraordinários, sobretudo do ponto de vista das consultas médicas.

O sonâmbulo está de tal modo concentrado pelo desejo de curar a pessoa cujo fluido está em relação com o seu, que lê no seu ser interior.

Se alia a esta disposição a de ser inspirado, coisa extremamente rara, é então que se torna completa. Vê o mal; indicam-lhe o remédio!

Os Espíritos que vêm impregnar o inspirado não são seres sobrenaturais. Viveram em nosso mundo; vivem num outro, eis tudo. Pouco importa a forma física que revestem; sua alma, seu sopro é idêntico ao nosso, porque a lei que rege o Universo é una e imutável.

Sendo o fluido o princípio da vida, a animação, e tendo a nossa alma, graças a fluidos diferentes, atrações e, por conseguinte, destinos múltiplos e diversos; se, pela ação magnética, se desvia de sua espontaneidade o poder de concentração sobre o pensamento que nos deve ser transmitido, o Espírito não pode exercer mais sua ação, conservar sobre nós sua mesma força, sua vontade intacta para nos fazer escrever ou ler em alta voz, para o mundo que necessita, aquilo que veio trazer-nos.

Também os médicos que dirigem os sonâmbulos devem evitar, tanto quanto possível, magnetizá-los, sob pena de substituírem a verdadeira inspiração por uma simples transmissão de seu próprio pensamento.

Os sonâmbulos, tanto quanto os inspirados ou os fluídicos, não podem agir sobre todos os seus irmãos encarnados. Cada um não tem poder senão sobre um pequeno número. Mas todos, em suma, aí encontrarão sua parte, quando não mais se tiver horror a essas forças generosas que se desprendem de nós em graus mais ou menos intensos.

Para os sonâmbulos fluídicos, o emprego do magnetismo é útil por exercer sobre eles sua influência de concentração. Apenas há nesse estado, ainda mais do que em qualquer outro, uma força de atração ou de repulsão, contra a qual jamais se deve lutar.

Os mais ricamente dotados são acessíveis a antipatias muito extremas para que as possam abafar. Experimentam-nas, assim como as inspiram. Suas prescrições, nesses casos, raramente são boas. Mas, ordinariamente dotados de uma grande força moral, ao mesmo tempo que de excessiva benevolência, adquirem grande poder de moderação sobre si mesmos, e, se nem sempre lhes é permitido fazer o bem, pelo menos jamais farão o mal.

## Pedra Tumular do Sr. Allan Kardec

Na reunião da Sociedade de Paris que se seguiu imediatamente às exéquias do Sr. Allan Kardec, os espíritas presentes, membros da Sociedade e outros, emitiram a opinião unânime de que um monumento, testemunha da simpatia e do reconhecimento dos espíritas em geral, fosse edificado para honrar a memória do coordenador de nossa filosofia. Um grande número de nossos adeptos da província e do estrangeiro se associou a este pensamento. Mas o exame dessa proposição teve necessariamente de ser retardado, porque convinha, primeiro, verificar se o Sr. Allan Kardec havia feito disposições a tal respeito e quais eram essas disposições.

Tudo bem examinado, nada mais se opondo ao estudo da questão, a comissão, depois de madura reflexão, deteve-se, salvo modificação, numa decisão que, permitindo satisfazer ao anseio legítimo dos espíritas, lhe parece melhor harmonizar-se com o caráter bem conhecido do nosso saudoso presidente.

É bem evidente para nós, como para todos os que o conheceram, que o Sr. Allan Kardec, como Espírito, não se interessa de modo algum por uma manifestação deste gênero, mas aqui o homem se apaga diante do chefe da Doutrina, pois é a dignidade, direi mais, o dever dos que ele consolou e esclareceu, que se consagre por um monumento imperecível o lugar onde repousam os seus restos mortais.

Seja qual for o nome pela qual ela foi designada, é fora de dúvida para todos os que estudaram um pouco a questão e para os nossos próprios adversários, que a Doutrina Espírita existiu por toda a antiguidade, e isto é muito natural, já que repousa nas leis da Natureza, tão antigas quanto o mundo; mas também é bastante evidente que, de todas as crenças antigas, é ainda o druidismo praticado pelos nossos antepassados, os gauleses, a que mais se

aproxima de nossa filosofia atual. Por isso, foi nos monumentos funerários que cobrem o solo da antiga Bretanha que a comissão reconheceu a mais perfeita expressão do caráter do homem e da obra que se tratava de simbolizar.

O homem era a simplicidade encarnada; e se a Doutrina é, ela própria, simples como tudo quanto é verdadeiro, é tão indestrutível quanto as leis eternas sobre as quais repousa.

O monumento se comporia pois, de duas pedras eretas de granito bruto, encimadas por uma terceira, repousando um pouco obliquamente sobre as duas primeiras, numa palavra, *de um dólmen*. Na face inferior da pedra superior seria gravado simplesmente o nome de Allan Kardec, com esta epígrafe: *Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; o poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

Esta proposição, acolhida por sinais unânimes de assentimento dos membros da Sociedade de Paris, nos pareceu que devia ser levada ao conhecimento dos nossos leitores. Não sendo o monumento apenas a representação dos sentimentos da Sociedade de Paris, mas dos espíritos em geral, cada um devia ser posto em condições de apreciá-lo e para ele concorrer.

## Museu do Espiritismo

Nos planos do futuro que o Sr. Allan Kardec publicou na *Revista* de dezembro, e cuja execução a sua partida imprevista necessariamente retardará, encontra-se o parágrafo seguinte:

“Às atribuições gerais da comissão serão anexadas, como dependências locais:

“1.º .....

“2<sup>o</sup> – Um museu onde se achem colecionadas as primeiras obras de arte espírita, os trabalhos mediúnicos mais notáveis, os retratos dos adeptos a quem a causa muito deva pelo devotamento que tenham demonstrado, os dos homens a quem o Espiritismo renda homenagens, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso, etc.

“O futuro museu já possui oito quadros de grande dimensão, que só esperam um local conveniente; verdadeiras obras-primas, especialmente executadas em vista do Espiritismo, por um artista de renome, que generosamente os doou a Doutrina. É a inauguração da arte espírita, por um homem que alia à fé sincera o talento dos grandes mestres. Em tempo hábil faremos a sua descrição detalhada.”

(*Revista de dezembro de 1868*)

Estes oito quadros compreendem: o *retrato alegórico do Sr. Allan Kardec*; o *Retrato do autor*; três cenas espíritas da vida de Joana d’Arc, assim designadas: *Joana na fonte*, *Joana ferida* e *Joana sobre a sua fogueira*; o *Auto-de-fé de João Huss*; um quadro simbólico das *Três Revelações* e a *Aparição de Jesus entre os apóstolos, após sua morte corporal*.

Quando o Sr. Allan Kardec publicou esse artigo na *Revista*, tinha a intenção de dar a conhecer o nome do autor, a fim de que cada um pudesse render homenagem ao seu talento e à firmeza de suas convicções. Se nada fez, foi porque aquele que é conhecido pela maioria de vós, por um sentimento de modéstia que facilmente compreendeis, desejava guardar o incógnito e só ser conhecido depois de sua morte.

Hoje as circunstâncias mudaram; o Sr. Allan Kardec não está mais entre nós e, se devemos esforçar-nos para executar os seus desígnios, tanto quanto o possamos, devemos também,



sempre que nos for possível, resguardar a nossa responsabilidade e fazer frente às eventualidades que acontecimentos imprevistos ou *manobras malévolas* possam fazer surgir.

É com esta intenção, senhores, que a Sra. Allan Kardec me encarrega de vos fazer saber que seis dos quadros acima designados, postos nas mãos de seu marido, atualmente estão com ela, e que os conservará em depósito até que um local apropriado, comprado com os fundos provenientes da Caixa Geral e, conseqüentemente, mantido sob a direção da Comissão Central, encarregada dos interesses gerais da Doutrina, permita dispô-los de maneira conveniente.

Até aqui os múltiplos embaraços de uma mudança de domicílio, nas condições dolorosas que conheceis, não permitiram que os quadros fossem vistos. De agora em diante, todo espírita poderá, se tal for o seu desejo, examiná-los e apreciá-los na residência particular da Sra. Allan Kardec, às quartas-feiras, das duas às quatro horas.

Os dois outros quadros ainda estão em mãos do autor, que certamente todos já reconhecesteis. É, com efeito, o Sr. Monvoisin, que, haurindo nova energia na firmeza de suas convicções, quis, apesar da idade avançada, concorrer para o desenvolvimento da Doutrina, abrindo uma nova era para a pintura e se pondo à frente dos que, no futuro, ilustrarão a arte espírita.

Nada mais diremos a respeito. O Sr. Monvoisin é conhecido e apreciado por todos, tanto como artista de talento quanto como espírita devotado, e tomará lugar ao lado do mestre, nas fileiras dos que bem tiverem merecido do Espiritismo.

*(Extrato da ata da sessão de 7 de maio de 1869)*

## Variedades

### OS MILAGRES DE BOIS-D’HAINE

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de abril de 1869)

Sob esse título publicamos no número precedente a análise de um artigo do *Progrès thérapeutique*, jornal de Medicina, dando conta de um fenômeno singular que excitava no mais alto grau a curiosidade pública em Bois d’Haine (Bélgica). Como se recordam, tratava-se de uma jovem de 18 anos, chamada Louise Lateau, que, todas as sextas-feiras, de uma hora e meia às quatro e meia, caía em estado de êxtase cataléptico.

Durante a crise ela reproduz, pela posição dos membros, a crucificação de Jesus, abrindo-se as cinco chagas nos lugares precisos onde se localizavam as do Cristo.

Diversos médicos examinaram atentamente esse curioso fenômeno, do qual, aliás, encontram-se vários exemplos nos anais da Medicina. Um deles, o Dr. Huguet, enviou ao *Petit Moniteur* a carta seguinte, que reproduzimos sem comentários, apenas acrescentando que partilhamos sem reservas a opinião do Dr. Huguet sobre as causas prováveis dessas manifestações.

“A explicação dos curiosos fenômenos observados em Louise Lateau e relatados em vosso estimável jornal (o *Petit Moniteur universel du soir*, de sábado, 10 de abril de 1869), necessita do conhecimento completo do componente humano.

“Todos esses elementos, como mui judiciosamente fazeis observar, são devidos à imaginação.

“Mas, o que se deve entender por isto, senão a faculdade de reter impressões imaginadas com o auxílio da memória?

“Como se recebem as impressões, e como, recebidas estas, explicar a representação fisiológica da crucificação?”

“Eis, senhor, as explicações que tomo a liberdade de vos submeter.

“A substância humana é uma unidade ternária, composta de três elementos ou, melhor, de três modalidades substanciais: o espírito, o fluido nervoso e a matéria organizada; ou, se se quiser, de duas manifestações fenomenais solidárias: a alma e o corpo.

“O corpo é uma agregação séria e harmoniosamente disposta dos elementos do globo.

“O fluido nervoso é a ação em comum de todas as forças cósmicas e da força vital, recebida com a existência.

“Essas forças, elevadas ao mais alto grau, constituem a alma humana, que é da mesma natureza que todas as outras almas do mundo.

“Esta análise sucinta do homem, assim apresentada, busquemos explicar os fatos.

“Um estudo sério da catalepsia e do êxtase nos confirmou nesta teoria e nos permitiu emitir as seguintes proposições:

“1<sup>o</sup> – A alma humana, espalhada em toda a economia, tem sua maior tensão no cérebro, ponto de chegada das impressões de toda sorte e ponto de partida de todos os movimentos ordenados.

“2<sup>o</sup> – O fluido nervoso, resultado da organização de todas as forças cósmicas e nativas reunidas, é a alavanca de que se

serve a alma para estabelecer suas relações com os órgãos e com o mundo exterior.

“3º – A matéria é o estojo, a célula múltipla e engrandecida, que se molda sobre a forma fluídica determinada e especificada pela natureza mesma do homem.

“4º – Os órgãos não passam de mediadores entre as forças orgânicas e as do meio ambiente.

“5º – Os órgãos estão sob a influência da alma, que os pode modificar de diversas maneiras, segundo seus diversos estados, por intermédio do sistema nervoso.

“6º – A alma é móvel, pode ir e vir, conduzir-se com mais ou menos força sobre tal ou qual ponto da economia, conforme as circunstâncias e a necessidade.

“As migrações da alma em seu corpo determinam as migrações do fluido nervoso, que, por sua vez, determinam as do sangue.

“Ora, quando a alma da jovem Lateau estava em consonância similar, por sua fé, com a paixão do Cristo imaginada em seu sentimento, essa alma se lançava, por irradiação similar, sobre todos os pontos de seu corpo que, em sua memória, correspondiam aos do corpo do Cristo, por onde o sangue havia saído.

“O fluido nervoso, ministro fiel da alma, seguia a direção de seu guia, e o sangue, carregado de um dinamismo da mesma natureza que o do fluido nervoso, tomava a mesma direção.

“Havia, pois:

“a) – Arrastamento do fluido nervoso pela radiação expansiva, centrífuga e especializada da alma;

“b) – Arrastamento do sangue pela radiação similar, centrífuga e especializada do fluido nervoso.

“7º – A alma, o fluido nervoso e o sangue então se põem em marcha consecutivamente a um fato de imaginação, tornando-se o ponto de partida de sua expansão centrífuga.

“Do mesmo modo se explicam a postura em cruz do corpo e de suas diversas atitudes.

“Abordemos agora os fatos contraditórios relativos à experiência do crucifixo de madeira ou de cobre e da chave.

“Para nós, a catalepsia é, seja qual for a sua causa, uma retração das forças vitais para os centros, assim como o êxtase é uma expansão dessas mesmas forças longe desses centros.

“Quando se punha um crucifixo na mão da jovem, esta centralizava suas forças para reter uma sensação afetiva em relação com sua fé, com seu amor pelo Cristo.

“Retiradas as forças para os centros, os membros não tinham mais a flexibilidade que lhes davam as forças no estado de expansão centrífuga; daí a catalepsia ou enrijecimento dos membros.

“Quando se substituí a cruz por outro objeto menos simbólico da idéia cristã, as forças voltavam aos membros e a flexibilidade retornava.

“Os fatos relativos à torção dos braços têm a mesma explicação.

“Quanto às infrutíferas tentativas de despertar por meio de gritos, pela movimentação dos braços, por agulhas perfurando a pele, ou pondo-se amoníaco sob o nariz, não passa de fisiologia experimental relativa às sensações.

“A insensibilidade se deve a uma solução de continuidade mais ou menos pronunciada, mais ou menos durável entre os centros perceptivos e os órgãos do corpo impressionados: solução de continuidade devida a uma exagerada retração centrípeta das forças vitais, ou a uma dispersão centrífuga muito forte dessas forças.

“Eis, senhor, a explicação racional desses fatos estranhos. Ela será, espero, acolhida favoravelmente por vós e por todos os que buscam compreender o jogo da vida nos fenômenos transcendentais da biologia.

“Todavia, há um fato notável, que se deve admirar, e é por ele que terminarei esta bem longa comunicação. Quero falar do funcionamento da memória, malgrado o estado de insensibilidade absoluta resultante da catalepsia, do êxtase e da presumível abolição, por isto mesmo, de todas as faculdades mentais.

“Eis, creio, a única explicação possível deste fenômeno estranho. Há casos, na verdade muito raros, e o que nos ocupa está neste número, em que o exercício de certas faculdades persiste, a despeito da catalepsia, sobretudo quando se trata de vivas impressões recebidas. Ora, aqui, o drama da cruz tinha, sem qualquer dúvida, produzido uma impressão de tal modo profunda sobre a alma da jovem, que esta impressão havia sobrevivido à perda da sensibilidade.”

*Dr. H. Huguet, d.m.p.*

*(Petit Moniteur universel du soir, 13 de abril de 1869)*

## Dissertações Espíritas

### O EXEMPLO É O MAIS PODEROSO AGENTE DE PROPAGAÇÃO

(Sociedade de Paris, sessão de 30 de abril, 1869)

Venho esta noite, meus amigos, falar-vos por alguns instantes. Na última sessão não respondi; estava ocupado alhures. Nossos trabalhos como Espíritos são muito mais extensos do que podeis supor e os instrumentos de nossos pensamentos nem sempre estão disponíveis. Tenho ainda alguns conselhos a vos dar quanto à marcha que deveis seguir perante o público, com o objetivo de fazer progredir a obra a que devotei a minha vida corporal, e cujo aperfeiçoamento acompanho na erraticidade.

O que vos recomendo principalmente e antes de tudo, é a tolerância, a afeição, a simpatia de uns para com os outros e também para com os incrédulos.

Quando vedes um cego na rua, o primeiro sentimento que se impõe é a compaixão. Que assim seja, também, para com os vossos irmãos cujos olhos estão velados pelas trevas da ignorância ou da incredulidade; lamentai-os, em vez de os censurar. Mostrai, por vossa doçura, a vossa resignação em suportar os males desta vida, a vossa humildade em meio às satisfações, vantagens e alegrias que Deus vos envia; mostrai que há em vós um princípio superior, uma alma obediente a uma lei, a uma verdade também superior: o Espiritismo.

As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de toda sorte são meios poderosos de introduzir a luz por toda parte, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos é o exemplo na caridade, a doçura e o amor.

Agradeço à Sociedade por ajudar os verdadeiros infelizes que lhe são indicados. Eis o bom Espiritismo, eis a verdadeira fraternidade. Ser irmãos: é ter os mesmos interesses, os mesmos pensamentos, o mesmo coração!

Espíritas, sois todos irmãos na mais santa acepção do termo. Pedindo que vos ameis uns aos outros, não faço senão lembrar a divina palavra daquele que, há mil e oitocentos anos, trouxe à Terra pela primeira vez o gérmen da igualdade. Segui a sua lei: ela é a vossa; nada fiz do que tornar mais palpáveis alguns de seus ensinamentos. Obscuro operário daquele mestre, daquele Espírito superior emanado da fonte de luz, refleti essa luz como o pirilampo reflete a claridade de uma estrela. Mas a estrela brilha nos céus e o pirilampo brilha na Terra, nas trevas. Tal é a diferença.

Continuai as tradições que vos deixei ao partir.

Que o mais perfeito acordo, a maior simpatia e a mais singular abnegação reinem no seio da Comissão. Espero que ela saiba cumprir com honra, fidelidade e consciência o mandato que lhe é confiado.

Ah! quando todos os homens compreenderem o que encerram as palavras amor e caridade, não mais haverá na Terra soldados e inimigos; só haverá irmãos; não mais haverá olhares irritados e selvagens; só haverá fronte inclinadas para Deus!

Até logo, caros amigos, e ainda obrigado, em nome daquele que não esquece o copo d'água e o óbolo da viúva.

*Allan Kardec*

## Poesias Espíritas

A NOVA ERA

(Paris, 16 de abril de 1869 – Médiun: Sr. X.)

Eu vos falo esta noite em versos, e a linguagem  
Provavelmente vai vos espantar, senhores;



Linguagem da era antiga e dos deuses mensagem,  
E os versos são talvez pouco merecedores.

Mas um dia virá da Musa entristecida  
Que, em luz, os corações em breve aplaudirão  
Acentos fraternais de uma lira sentida,  
Dos dedos a vibrar de jovem alma então.

Tão logo se ouvirá a elevar-se da Terra  
Num misterioso brado, um hino colossal  
Cobrando, com seu eco, um ribombar que encerra  
Explosão de canhões a serviço do mal.

Esse brado há de ser: progresso, luz, amor!  
Todos os homens, pois, enfim, se dando as mãos,  
Sob a santa bandeira estarão; e em fervor,  
Da liberdade a senda acharão como irmãos.

Graças, Deus! Liberdade! a um pai, a outra filha,  
Porém ambos mortais; vos haveis libertado  
Pobre família, então, do mal que a dor a encilha,  
À Humanidade em pranto, ao coração magoado.

Esperança mostrais, enfim, ao proletário,  
Porém lhe defendendo ante a revolução.  
Vós fazeis triunfar o dogma igualitário  
Pela bondade, o amor e pela abnegação.

Um só é o estandarte, e santa é-lhe a divisa.  
Liberdade com amor, ação, fraternidade!  
Que esses termos leais vibrem a fé precisa  
Tocando o coração de toda a Humanidade!

Eis o ensino que agora eu vos posso ofertar  
Por meu médium querido, ao dirigir-lhe a mão.  
Se em versos eu lhe falo, ele me vá perdoar!  
Contra ninguém versejo, é um versejar de irmão.

*A. de Musset*

MARAVILHAS DO MUNDO INVISÍVEL

Se Musset já falou, eu me calar não quero,  
E solitária a voz em não deixá-la, espero,  
Muda entre vós ficar.  
Se esta noite eu tiver meu corpo, sob flores,  
Meu Espírito terno, há de vir com louvores  
A todos vos saudar.

Amigos meus, bom dia: eu volto à vida, e a aurora  
Parece aos olhos meus, bem mais brilhante agora  
Que um dia multicolor;  
E, para lá da tumba, ardente é a centelha.  
O belo véu do azul, entreabrindo-se, espelha  
Pleno de luz e amor.

É muito belo o céu! Bem doce é a pátria fida  
Que este Espírito viu, e amou, terra querida,  
Onde sua asa até  
Em tomando seu vôo, um santo pensamento  
Atravessado foi de um raio de momento,  
Vivo clarão da fé.

O que há além da tumba eu direi qualquer dia,  
Onde, se não se crê, toda esperança esfria,  
A alma pode entrever,  
Quando tem, como vós, uma chama divina  
O peito brilha em luz se a virtude o domina  
Qual espelho a esplender.

Sem dúvida, sabeis, que todo esse luzeiro  
Está na alma que crê; e que indica o roteiro  
Ao Espírito em dor,  
Que perscruta no céu, cada astro, cada estrela,  
Buscando para si um bom guia, uma vela,  
Um benfazejo amor.

*A. de Lamartine*

## Notas Bibliográficas

NOVAS HISTÓRIAS PARA AS MINHAS BOAS AMIGUINHAS<sup>20</sup>

(Pela Srta. Sophie Gras de Haut-Castel, de dez anos de idade)

Sob esse título acaba de aparecer, na livraria Dentu, uma obra que, à primeira vista, não parece ligar-se diretamente aos nossos estudos. Mas se compreenderá facilmente o interesse que esta coletânea de histórias infantis poderá ter para nós, ao se tomar conhecimento desta nota do editor: – *O volume que se vai ler é textualmente obra de uma menina, que o compôs desde os oito anos e meio até dez anos e meio.*”

O primeiro sentimento que nasce no espírito do leitor é certamente o de dúvida. Abrindo as primeiras páginas, um sorriso de incredulidade se estampa em seus lábios; pergunta-se quem pôde tornar-se cego a ponto de publicar as elucubrações incoerentes de um cérebro infantil. Mas o espírito crítico se desvanece, e a atenção e a curiosidade despertam ao descobrir interesse nestas historietas, situações verossímeis, uma conclusão lógica, caracteres bem desenvolvidos, uma moralidade.

A senhorita Sophie Gras não é, aliás, uma principiante; há um par de anos publicou sua primeira obra, sob o título de: *Contos para as minhas amiguinhas*. É, como esta última, inteiramente obra de uma menina de oito anos e meio que, numa idade em que quase só se pensa em brincar e folgar, dá curso às composições nascidas de sua ardente imaginação.

Sem dúvida se encontram reminiscências de leituras nestas obras infantis, mas, além disso, sentem-se as idéias pessoais, a observação, aliadas a uma instrução notavelmente desenvolvida. A Srta. Sophie Gras certamente conhece todos os grandes fatos da História de seu país; as dificuldades de Gramática, de Aritmética e de

20 Paris, 1869, 1 vol in-18 – Preço: 3 fr. 30 franco.

Geometria são um brinquedo para ela. Deve ter estudado com proveito a Botânica e a Geologia, porque a fauna e a flora dos diversos países que descreve lhe são perfeitamente conhecidas. Algumas citações tomadas ao acaso provarão, melhor do que tudo quanto poderemos dizer, o atrativo deste livro.

Em cada página encontram-se quadros como este:

“Com um sopro ofegante, a velha vovó avivou os carvões quase apagados que dormiam debaixo da cinza. Fez um pouco de fogo com os restos de sarmentos, que eram as únicas provisões do inverno, e pôs alguns carvões nas braseiras de barro. Pendurou a lâmpada de ferro num caniço, reaqueceu a caminha de suas netas e se pôs a cantar uma velha balada gaélica para as adormecer, enquanto fiava na roda para lhes fazer um vestido.

“A cabana era enfeitada com velhas imagens de santos, pregadas às paredes de taipa. Alguns utensílios de cozinha, assim como uma grossa mesa de carvalho, formavam todo o mobiliário, e uma simples cruz de madeira pendia de um prego.”

“Ou ainda as descrições:

“Em seu declínio o Sol espalha mais que alguns raios de ouro, que se extinguem no meio das nuvens róseas. Penetra fracamente através da folhagem transparente, onde deixa uma cor verde suave; dispersa o resto de seu brilho sobre as folhas dos loureiros-rosa, cujos matizes atenuam, enquanto o astro da noite deixa lentamente seu sono prolongado.”

Página 18: “No dia seguinte, ao romper da aurora, Delfina levantou-se, tomou seu pacotinho debaixo do braço e uma cesta com provisões. – Fechou sua casa e partiu brincando. Adeus, rochedos, regatos, bosques e fontes, que tantas vezes me distraístes com o vosso suave murmúrio; adeus, claras águas que eu bebia...”

“...Acabando de surgir, o Sol marchava majestosamente e fazia brilharem as flores de todas as cores. Estas, molhadas por um suave orvalho, exalavam os mais doces perfumes. Aproximava-se o inverno, mas a manhã era radiosa e gotas d’água pendiam das árvores, que erguiam os ramos, vergados ao peso de seus frutos.”

Página 36: “A Sra. de Rozan, que havia ficado num cárcere infecto, onde dificilmente penetravam os raios de um dia pálido e sem brilho, estava deslumbrada pela claridade do Sol... Ela ouvia, borbulhando a seu lado, regatos espumantes, cujos murmúrios escutava com volúpia. Considerava o lírio branco das águas, onde tremia uma gota de orvalho, e seus botões torcidos, prestes a se abrirem. – “Tua morada, ó Delfina, dizia ela, é mais encantadora do que era o meu palácio.”

Páginas 55-56: “Nenhum ruído se ouvia, a não ser o crepitar das chamas, cujas faíscas apareciam como tochas sinistras em meio à noite. Logo redobrou a violência do incêndio. Turbilhões de chamas entremeadas de fumo negro e vermelho elevavam-se nos ares. – As velhas bananeiras e os teixos seculares caíam com estalos horríveis. – Os pios lamentosos das pombas, gemendo nos arvoredos da savana, retiniam ao longe como o som dos sinos que se lamentam.”

Página 77: “As bordas da torrente eram esmaltadas de flores perfumadas, que formavam uma miscelânea de todas as cores sobre o tapete verde das ervas. A filha da primavera, a amável violeta, emblema da simplicidade, crescia abundante naquele lugar onde a mão do homem jamais a havia colhido.”

Página 101: Não longe dali havia um prado cheio de ervas-toiras, de silenes, de violetas e de amarantos; algumas tílias quase mortas, de folhas amarelas, surgiam de longe em longe, dispostas sem simetria. Milhares de pássaros adejavam sobre os ramos floridos, cantando suas árias mais harmoniosas; as árvores

estavam carregadas de frutos e seus ramos musgosos, rompendo-se sob o peso à menor tempestade, faziam ouvir surdos estalos. Naquele jardim, imagem do paraíso terrestre, cercado por uma floresta negra, não se sentia nem infelicidade, nem os remorsos da alma; tudo ali era encantador e pacífico; *ali se era puro...* Que faltava àquele lugar, que a Divina Providência se esmerou em ornar com todas as belezas da Natureza?”

Página 286: “Margarida tinha escolhido duas de suas amigas, em cujo número estava Ethéréda, para marchar atrás dela e levar a sua coroa. Estas duas meninas, que lhe serviam de acompanhantes, eram gentis como deusas; teríeis tomado cada uma delas por Vênus criança, mas acrescentando que seu rosto tinha a suavidade e a bondade das virgens cristãs. Eram dois botões de rosa antes de abrir.”

Gostaríamos de citar tudo e demonstrar à saciedade a poesia ingênua, o conhecimento real dos sentimentos que se afirmam, em cada página, em meio a reflexões infantis, como os lampejos de um gênio que ainda se ignora, mas que transparece malgrado os obstáculos que lhe opõe um instrumento cerebral incompletamente desenvolvido.

Supondo que a memória represente aqui um certo papel, o fato não é menos admirável e importante, por suas conseqüências psicológicas. Forçosamente chama a atenção para fatos análogos de precocidade intelectual e conhecimentos inatos. Involuntariamente procura-se explicá-los, e com as idéias de pluralidade de existências, que dia após dia adquire mais autoridade, chega-se a não lhe encontrar a solução racional, senão no princípio da reencarnação.

Esta criança *adquiriu* numa existência anterior, e seu organismo, extremamente maleável, lhe permite extravasar em

obras literárias seus variados conhecimentos e assimilar as formas atuais. Os exemplos desse gênero não são raros, tal qual foi Mozart criança, como compositor; tal qual Jean-Baptiste Rey, que morreu como grão-mestre da capela imperial. Apenas com nove anos, cantava, com os pés no orvalho e a cabeça ao sol, precisamente perto da cidade de Lauzerte, no vale do Quercy, onde nasceu e reside a nossa heroína. Era uma alma no exílio, que se lembrava das melodias da pátria ausente e se tornava o seu eco. A expressão e a justeza de seu canto chocaram um estranho, que o acaso havia trazido àquele lugar. Levou-o consigo a Toulouse, fê-lo entrar na escola de música de Saint-Sernin, de onde o menino, feito homem, saiu para ir dirigir, na orquestra da ópera, as obras-primas de Gluck, Grétry, Sacchini, Salieri e Paesiello. Tal foi, também, a Sra. Clélie Duplantier, um dos nossos mais notáveis Espíritos instrutores, que, desde a idade de oito anos e meio, traduzia fluentemente o hebraico e ensinava latim e grego a seus irmãos e primos, mais velhos que ela própria.

Deve-se concluir que as crianças que só aprendem à força de estudos perseverantes foram ignorantes ou sem meios em sua existência precedente? Não, por certo; a faculdade de lembrar-se é inerente ao desprendimento mais ou menos fácil da alma e que, em algumas individualidades, é levado aos mais extremos limites. Existe nalguns uma espécie de vista retrospectiva, que lhes lembra o passado, ao passo que para outras, que não a possuem, o passado não deixa qualquer traço *aparente*. O passado é como um sonho, do qual a gente se lembra mais ou menos exatamente, ou que por vezes nos esquecemos completamente.

Vários jornais dão conta das obras da Srta. Sophie Gras; além disso, o *Salut public*, de Lyon, fazendo os elogios merecidos à inteligência precoce da autora, acrescenta o seguinte:

“Sou tentado a dedicar o início de minha conversa aos amadores de fenômenos, fenômenos morais e intelectuais, bem entendido, porquanto, na ordem física, nada é penoso para ver, em minha opinião, como essas derrogações vivas das leis da Natureza...

...“A família da Srta. Sophie Gras, que desfruta uma grande fortuna e alta consideração em Quercy, não premeditou esse sistema de educação; ela não interviu, mas ainda não é muito? Esta menina prodigiosa nada conheceu das alegrias infantis e desflora, numa pressa prematura, as da adolescência, etc., etc...”

Partilhamos completamente da opinião do redator do *Salut public*, no que concerne às monstruosidades físicas. A gente é penosamente afetada à vista de certas exhibições desse gênero; mas serão mesmo derrogações das leis da Natureza? Ao contrário, não seria mais lógico ver, como ensina o Espiritismo, uma aplicação de leis universais ainda imperfeitamente conhecidas e uma demonstração da natureza oposta, mas tão concludente quanto a primeira, da pluralidade das existências?

Quanto ao perigo de deixar a Srta. Sophie Gras entregue às suas inspirações, somos de opinião que tal não existe. O perigo seria refrear essa necessidade de expansão que a domina. Seria tão imprudente forçar a concentração das inteligências que assim se afirmam, quanto acumular no espírito de certos *pequenos prodígios* conhecimentos que se revelam por um gesto, músicos ruins que agradam numa primeira audição, mas que causam fadiga rapidamente; talvez inteligências notáveis, mas que se estiolam e se abastardam numa temperatura de estufa, para a qual não nasceram.

As vocações naturais, conseqüências de aquisições anteriores, são irresistíveis; combatê-las é querer quebrar as individualidades que as possuem. Deixemos, pois, governar-se pela inspiração os Espíritos que, como a Srta. Gras, *chegaram* passando pela fileira comum das encarnações sucessivas.



**A DOCTRINA DA VIDA ETERNA DAS ALMAS E DA REENCARNAÇÃO  
ENSINADA HÁ QUARENTA ANOS POR UM DOS MAIS ILUSTRES  
SÁBIOS DO NOSSO SÉCULO**

Temos o prazer de anunciar aos nossos irmãos em doutrina que a tradução francesa de uma obra muito interessante de *Sir Humphry Davy*, pelo Sr. Camille Flammarion, já está no prelo e será publicada dentro de um mês.

*Sir Humphry Davy*, o célebre químico ao qual se deve a fecunda *teoria da química moderna*, que substituiu a de Lavoisier, a descoberta do *cloro*, a do *iodo*, a decomposição da água pela eletricidade, a lâmpada dos mineiros, etc., *Sir Humphry Davy*, o sábio professor do Instituto Real de Londres, presidente da Sociedade Real da Inglaterra, membro do Instituto de França – e maior ainda por seus imensos trabalhos científicos do que por seus títulos – escreveu, antes de 1830, um livro que o próprio Cuvier qualificou de *sublime*, mas que é quase completamente desconhecido na França, e que tem por título: “*The Last Days of a Philosopher*”, ou seja, “*Os Últimos Dias de um Filósofo*.”

Esta obra começa por uma visão no Coliseu de Roma. O autor, solitário em meio às ruínas, é transportado por um Espírito, que escuta sem o ver, ao mundo de Saturno e em seguida aos cometas. O Espírito lhe expõe que as almas foram criadas na origem dos tempos, livres e independentes; que seu destino é progredir sempre; que reencarnam em diferentes mundos; que nossa vida atual é uma vida de provas, etc.; numa palavra, as verdades que atualmente constituem a base da doutrina filosófica do Espiritismo.

Diversas questões de Ciência, de História, de Filosofia e de Religião compõem, ao mesmo tempo, esta obra admirável.

O Sr. Camille Flammarion tinha empreendido a sua tradução há dois anos, e sabemos que o Sr. Allan Kardec pressionava o jovem astrônomo para a terminar.

Quisemos dar a conhecer esta boa-nova, antes mesmo da publicação da obra. Em nosso próximo número esperamos poder anunciar definitivamente essa publicação, já impressa pela metade (em formato popular), e ao mesmo tempo fazer uma sinopse desta interessante tradução.

## Aviso Importantíssimo

Lembramos aos senhores assinantes que, para tudo o que concerne às assinaturas, compras de obras, expedições, mudança de endereços, as pessoas que não moram em Paris deverão dirigir-se ao *Sr. Bittard, gerente da Livraria, 7, rue de Lille*.

## Errata<sup>21</sup>

Número de maio de 1869, página 145, linha 19, em vez de: *et certain*, leia-se: *éternel*. Mesma página, linha 31, em vez de: *tout se pressait*, lede: *tout se précisait*.

Pelo Comitê de Redação  
*A. Desliens* – Secretário-gerente

21 **N. do T.:** As emendas apontadas por Kardec já foram feitas nos lugares correspondentes da tradução brasileira.